

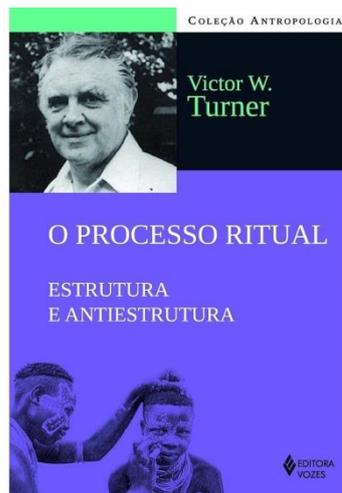


Resenha
Review

Turner revisitado: ação cultural e individuação na dinâmica anti- e estrutural¹

Turner revisited: cultural action and individuation in anti- and structural dynamics

Raoni Borges Barbosa²



¹ TURNER, Victor. [1969]. **O Processo ritual: Estrutura e Antiestrutura**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

² Pós-Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2437-3149>.

E-Mail: raoniborgesb@gmail.com

Na obra *O Processo Ritual*, Turner (2013) discute o seu modelo explicativo da relação indivíduo-sociedade e da relação tensa, mas estruturalmente determinada, dos atores sociais em jogo no sistema social de posições. Jogo este entendido a partir da metáfora teatral do *drama social*, que sintetiza o social como processo total de interação e interdependência de elementos, - práticas, crenças e ritos, - culturalmente complexos e mesmo opostos, mas estruturalmente integrados. Trata-se de um modelo influenciado pela tradição explicativa racionalista, estrutural-funcionalista da Escola Britânica de Antropologia Social, da qual Turner fazia parte, seja na sua filiação teórico-metodológica ligada a nomes como Malinowski, Gluckman e Evans-Pritchard, seja no seu esforço de explicar a alteridade com base em recortes temáticos que enfatizem mais a universalidade e a uniformidade das estruturas sociais humanas do que suas diferenças culturais expressas em gramáticas de sentidos locais.

Nesse sentido, o autor postula a universalidade da mente humana e a identidade de processos cognitivos que articulam as mais diversas experiências culturais já etnografadas. Assim que sua noção de estrutura, diferentemente do que entendia Lévi-Strauss, não alude às formas elementares de pensamento e linguagem, mas ao sistema de posições sociais, - com suas hierarquias e fronteiras, seus direitos e deveres, suas crenças e ritos -, que veste o indivíduo como pessoa no complexo interativo-estrutural coletivo. Com efeito, Turner se propôs a inovar no âmbito da matriz cognitiva de que era tributário ao problematizar justamente a necessidade de o etnógrafo acessar os idiomas rituais das gramáticas locais de sentido e simbolização da vida cotidiana. Como expressa o autor, o exercício de etnografar a realidade da vida social e cultural das pessoas, com seus movimentos e palavras, compreende o esforço de “[...] tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam *para elas*” (TURNER, 1969, p. 24).

A etnografia é entendida como um olhar de fora (perspectiva do observador que observa e classifica segundo códigos próprios da sua cultura) para dentro, mas complementado por um olhar de dentro (perspectiva do observador que observa e classifica segundo o idioma ritual e nas possibilidades de simbolização da cultura nativa) para dentro. Cabe ao antropólogo, assim, não somente produzir dados etnográficos sobre a organização social, mas também explicar a constituição e o funcionamento da

vida simbólica nativa nos termos próprios de sua racionalidade e verdade, ao passo que o faz também com base nas ferramentas teóricas da Antropologia. Este deslocamento teórico-metodológico proposto ampliou a proposta de etnografia para a apreensão da vida simbólica, imaginária e emocional do nativo pesquisado. Nas palavras do autor, a decisão de ampliar o campo de pesquisa se dá quando da verificação do esgotamento da metodologia tradicional estrutural-funcionalista:

Nos primeiros nove meses de trabalho em campo, acumulei consideráveis quantidades de dados sobre parentesco, estrutura da aldeia, casamento e divórcio, orçamentos individuais e familiares, política tribal e de aldeia, e sobre o ciclo da agricultura. Preenchi meus cadernos de anotações com analogias; tracei as plantas das choças da povoação e coletei material de recenseamento; vagueei pelos arredores para conseguir termos de parentesco raros e descuidados. Sentia-me, no entanto, insatisfeito, como se estivesse sempre do lado de fora olhando para dentro [...] (Turner, 1969, p. 23).

Turner parte dos conceitos de liminaridade e de *communitas* para fundamentar seu argumento de que a ordem social, tanto na dimensão individual quanto coletiva de sua história, se caracteriza por momentos de afirmação e de negação da normalidade estrutural. O deslocamento de atores nas hierarquias e fronteiras sociais, assim como os momentos provisórios, ritualmente previstos, de inversão simbólica destas mesmas hierarquias e fronteiras, constitui *a dialética do ciclo de desenvolvimento* do repertório simbólico e da própria organização social de uma sociabilidade dada, isto é, são movimentos da própria estrutura. No entender de Turner, indivíduo, sociedade e cultura se organizam em ciclos de transformações que se expandem e se retraem, de modo a se reafirmarem, como bem pontua o autor (TURNER, 2013, p. 99):

De tudo isso, concluo que, para os indivíduos ou para os grupos, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de *communitas* e de estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade. A passagem de uma situação mais baixa para outra mais alta é feita através de um limbo de ausência de status. Em tal processo, os opostos por assim dizer constituem-se uns aos outros e são mutuamente indispensáveis.

A tensão estrutural no drama social, que Turner identifica como o elemento desencadeador do processo ritual tripartite de separação, liminaridade e reintegração porque passa o indivíduo enquanto sujeito ritual em suas fases críticas de deslocamento

entre as estruturas sociais e de transformação identitária ou mudança de *status* e papel na vida coletiva, situa o conflito, não a harmonia, no interior da estrutura social. Estrutura esta que se reafirma ritualmente ao re-situar o indivíduo na lógica da ação cultural, subtraindo-lhe, uma vez mais, da condição de individuação e de vivência de uma liberdade no vazio das normas socioestruturais, em que se percebe como unidade total de ação vivendo, não ao lado, mas *com* outros seres humanos totais. Este processo de individuação no âmbito dos ritos de passagem da vida social, caracterizados pela liminaridade, ocorre em lapsos temporais breves e cuidadosamente administrados pelo poder da estrutura, uma vez que o indivíduo membro do grupo precisa deslocar-se em cenários diferenciados, problemáticos e complexos da vida coletiva, sem, contudo, perder-se na homogeneidade e no igualitarismo deste limbo social.

O perigo místico e o poder dos fracos, explica Turner, decorre desta propriedade da liminaridade e da *communitas* de comunicar ao indivíduo seu imenso poder de criatividade e de aceitação ou refutação da estrutura social a qual será reintegrado. A comunicação entre as fases, estruturas diferenciadas ou instituições da organização social da vida coletiva, administrada simbólica e ritualmente, não é capaz de purificar a experiência social dos atores em jogo das vivências de marginalidade, ruptura, contradição e paradoxo que são próprias do encontrar-se nos interstícios das estruturas sociais. Nas palavras do autor (TURNER, 1969, p. 125-126):

A condição de membro de um grupo submete o indivíduo à estrutura e aos conflitos inseparáveis da diferenciação estrutural. Contudo, mesmo nas sociedades mais simples existe a distinção entre estrutura e *communitas*, encontrando expressão simbólica nos atributos culturais de liminaridade, marginalidade e inferioridade. [...] constituem a “condição humana”, no que diz respeito às relações do homem com seus semelhantes.

No entender de Turner, assim, a dialética estrutura/antiestrutura se instala no social como condição de seu próprio funcionamento como jogo ou drama social construído na interação humana, mas destacado e exterior às individualidades, ainda que as revista com os idiomas rituais e com as lógicas actanciais coletivas. Se, por um lado, o indivíduo se situa no sistema estruturado e diferenciado das posições político-jurídico-econômicas, percebendo-se como ator em um jogo de posições; por outro lado, este mesmo indivíduo se percebe como homem inteiro, nas fases liminares de sua vida

social, em que a experiência da *communitas* pode ocorrer, haja vista que passa por um processo provisório de desintegrar-se da normatividade social para, uma vez transformado cultural e socialmente, retornar à mesma.